

Poemas de Graça Graúna

Identidade

Agora e pela hora
da minha agonia
louvo Trindade
e Jorge de Lima
cantando
catando
as penas
só

_ De onde vem, Solano, esta agonia?
_ De muito longe, nêga,
de Afroamérica sonhada
lá donde crece la palma
plantada em versos de alma
del hombre José Martí

_ De onde vem, Solano, esta agonia?
_ Vem de longe, nêga,
do comecinho das coisas
de muito longe, minha nega,
muito longe

Cumplicidade

© Graça Graúna - voz de Anna Müller

Negro que te quero negro
na capoeira ou na morna
no Bairro de São José
em Cabo Verde ou Bahia
em Cuba Libre ou Angola

As contas do teu colar
têm as cores dos meus guias
do horizonte
do olhar
da esperança
da tribo

Negro que te quero negro
Orík, Orixá, Nagô
Louvada seja a poesia

Sempre-viva

Lá,
no esconderijo
vivia uma certa menina
meiga
doce
Sempre-viva-Coralina

Na casa velha da ponte
igual à cabocla velha
à margem do Rio Vermelho
a menina de trança
meiga e mansa
igual à Nega Fulô
carente de alforria

Meiga, mansa
Cora Coralina
carregou dentro de si
amarga e doce poesia
tecida no esconderijo
de todas as vidas
nos becos
Sempre-viva

GRAÇA GRAÚNA

COLHEITA

Num pedaço de terra
encabulada, mambembe
o caminho de volta
a colheita, o ritmo
o rio, a semente
Planta-se o inhame
e nove meses esperar
o parto da terra.
Planta-se o caldo
e docemente esperar
a cana da terra
Palavra: eis minha safra
de mão em mão
de boca em boca
um porção Campestre

Potiguar de ser.

NEM MAIS NEM MENOS

Um homem, uma mulher
são o que são:
palimpsestos
pássaros
deuses
mágicos
videntes
astro/estrela
de Altamira a Lascoux
Asteca/Pankararu
Fulni-ô/Xavante
Potiguar, quem sabe?
Íntimos irmãos da terra
salvaguardam o limo das pedras
o vôo dos peixes
e os sagrados rios navegáveis

RETRATOS

Saúdo as minhas irmãs
de suor papel e tinta
fiandeiras
guardiãs,
ao tecer o embalo
da rede rubra ou lilás
no mar da palavra
escrita voraz.

Saúdo as minhas irmãs
de suor papel e tinta
fiandeiras
tecelãs
retratos do que sonhamos
retratos do que plantamos
no tempo em que nossa
voz era só silêncio.

OFERTÓRIO

Comei e bebei!
estas palavras são meu corpo
nem alegre, nem triste
só um corpo

Comei e bebei!
Nestas palavras minh'alma
talvez a mais próxima
de um revoar de sonhos

Mas se este ofertório
te parece pouco,
ide ao verso-reverso
onde o nosso sudário
continua exposto

GEOGRAFIA DO POEMA

O dia deu em chuvoso
na geografia do poema.
A tristeza dos tempos,
a impossibilidade do abraço,
a fome e a miséria: matéria prima
de nossa sobrevivência.

Nos quarteirões, dobrando
a esquina
homens e mulheres idôneos,
cansados
lastimam o destino
de esmolar o direito
nos tempos madrugados.

O dia deu em chuvoso
na geografia do poema:
um corpo virou cinzas,
um sonho foi desfeito.
A terra está sentida
de tanto sofrimento.

ABISMOS

toda lua é engano
todo anjo é cruel

no abismo de eternidade
e ânsia
do corpoema

QUIMERAS

A cruz do poeta
doura trêmulas quimeras:
sempre-vivas sobre a mesa.



www.dhnet.org.br